



AMÉRICA DO SUL

Chile rejeita Constituição

Mais de 61% da população reprovam, em plebiscito inédito, o projeto da Carta Magna que estabelecerá um “Estado social de direitos” e representaria uma ruptura com a herança do regime do general Pinochet

» RODRIGO CRAVEIRO

Por maioria esmagadora, o Chile rejeitou, ontem, o projeto da nova Constituição que substituiria a Carta Magna herdada da ditadura do general Augusto Pinochet (1973-1989). Até as 23h15 de ontem, com 99,95% das urnas apuradas, 61,87% dos chilenos disseram “Não” ao texto e 38,13% o aprovaram. Pouco mais de 12,7 milhões dos 15,1 milhões aptos a participarem do plebiscito foram às seções eleitorais. O presidente Gabriel Boric não perdeu tempo e convocou para as 16h de hoje (17h em Brasília) uma reunião com presidentes dos partidos políticos, além de líderes da Câmara e do Senado, para “abrir um espaço de diálogo transversal sobre os desafios (...) para dar continuidade ao processo constituinte”.

Em pronunciamento à nação, Boric reconheceu que a cidadania “não ficou satisfeita” com a proposta e decidiu rechaçá-la de “maneira clara”. Ele garantiu que a democracia “sai mais robusta” após o resultado “contudente”. O voto contrário à Constituição ganhou em quase todas as regiões do Chile. Para especialistas, o presidente foi o grande derrotado.

A instalação da Convenção Constituinte ocorreu 427 dias atrás e originou um projeto de Carta Magna focado na democracia paritária de gêneros, na plurinacionalidade, na adoção de um Sistema Nacional de Saúde Universal e na “interrupção voluntária da gravidez”. O rascunho, de 388 artigos, também se focou na adoção de um “Estado social de direitos” — uma resposta às reivindicações dos protestos estudantis e de movimentos sociais que sacudiram o Chile em outubro de 2019.

O processo foi iniciado sob o comando da acadêmica mapuche Elisa Loncón. “Foi a experiência intercultural mais linda que vivi com as pessoas que aceitaram o diálogo”, disse ao **Correio (leia entrevista)**. “Não sei o que ocorrerá com o próximo processo, mas eu representei a vontade coletiva e não pretendo desrespeitar decisões que não estejam dentro dessa vontade coletiva.”

Marcelo Mella — cientista político da Universidad de Santiago de Chile — admitiu ao **Correio** que a rejeição da Carta Magna representa um “duro revés” para o governo de Gabriel Boric. “Não somente pelos resultados inesperadamente amplos, mas porque, do ponto de vista eleitoral, o governo perde regiões historicamente favoráveis a partidos de esquerda, como o Partido Comunista e a Frente Ampla.” Segundo ele, o presidente Boric precisará enfrentar um problema duplo: a grande amplitude do resultado desfavorável e a perda territorial de praticamente todo o país. “Foi um fracasso dobrado nessa campanha que, por decisão de Boric, o governo foi um ator principal. Ele chegou a visitar algumas regiões. A derrota é impressionante.”

Apesar do repúdio ao projeto de Constituição, Mella destaca que existe uma vontade da maioria da população de ter uma Carta Magna que substitua aquela redigida pela ditadura do general Augusto Pinochet. “O projeto da Constituição apresentava problemas de conteúdo. O país terá, pela frente, a oportunidade de construir um novo processo constituinte, um novo texto a ser submetido a plebiscito, provavelmente ao fim do governo Boric.”



Como presidente, humildemente aceito esta mensagem. (...) Devemos ouvir a voz do povo”

Gabriel Boric,
presidente do Chile

Para Mella, o Chile mais ganha do que perde, mesmo com a rejeição à Carta Magna. “No contexto de crise econômica, o país requer um projeto de nova Constituição moderada, que atraia apoios transversais na sociedade, não somente de um setor político, em particular. O governo perde muitíssimo e terá que construir um caminho para impulsionar um novo processo constituinte, além de forjar apoios mais amplos”, afirmou. O estudioso lembrou que o governo Boric possui apenas 25% dos assentos no Congresso. “Boric necessita de alianças com outros blocos políticos para governar com sucesso.”

Diretora executiva da ONG Chile Transparente, María Jaraquemada afirmou ao **Correio** que o processo iniciado pela Convenção Constituinte permitiu debates sobre o que os chilenos



Criança vestida de Super Homem rouba a cena durante entrevista do presidente chileno, Gabriel Boric, em seção eleitoral de Punta Arenas

querem para o país. “Houve acordos sobre alguns temas, com diferenças sobre a intensidade deles e o modo de implementá-los. Há muitos acordos das distintas forças políticas e sociais sobre a necessidade de avançar em direitos sociais, em uma maior segurança social e na proteção das pessoas. Também houve pactos para progredirmos em temas como a equidade de gênero e a inclusão dos povos indígenas”, explicou. Segundo ela, políticos próximos ao Partido Republicano, do ex-candidato a presidente José Antonio Kast, não querem uma nova Constituição. “Muitos chilenos perceberam a Constituição distante das pessoas.”

Professor de história da Universidade de São Paulo (USP), Angelo Segrillo crê que o veto ao projeto da Constituição está associado à mudança do contexto do Chile desde as manifestações de 2019. “Naquela época, os protestos intensos levaram a uma proposta de Constituição bastante progressista e de esquerda. Isso resultou em uma Constituição bastante progressista e de esquerda”, afirmou à reportagem. “A Carta Magna talvez seria progressista demais para setores da direita que ainda têm força no Chile. Com o voto obrigatório, uma parte da direita que estava por baixo, em 2019, voltou com força.” Segrillo vê uma derrota política de Boric e entende que o impacto político dependerá das próximas ações de seu governo. “Ele pode recuperar um pouco de seu prestígio se conseguir levantar adiante a proposta de começar do zero.”

ENTREVISTA

“O nosso texto foi criado para o século 21”

Quais foram os pontos mais complexos da Carta Magna?

Creio que o tema comunicacional, além do racismo e do classismo da direita conservadora, que figuraram no interior da Convenção Constituinte. O órgão não contou com uma entidade que difundisse o que ocorria dentro do debate da nova Constituição. Corresponsabilidade ao governo a colaboração nesse âmbito. No entanto, iniciamos com um governo contrário ao processo. Em vez de colaborar, impôs obstáculos. Por outro lado, entraram na Convenção constituintes oriundos de setores da elite política conservadora e que reagiram, de forma muito racista, ao processo de participação dos povos. Eles criticavam nosso traje, nossa língua e a gente procedente de setores mais populares.

E os temas mais importantes?

Os direitos à paridade de gênero e os direitos sociais. No Chile, nossa Carta previa que os cidadãos tivessem direito à saúde e à educação públicas. Hoje em dia, tudo isso é objeto de mercado. Se você não tem recursos financeiros, não pode estudar. Se não tem dinheiro, não pode usufruir de atendimento médico. Por outro lado, a autonomia das regiões, para descentralizar o Chile. Tudo se concentra em

Claudio Reyes/AFP



Elisa Loncón

Ex-presidente da Convenção Constituinte do Chile

mecanismo de igualdade substantiva. A plurinacionalidade implica o reconhecimento dos povos, que nunca foram reconhecidos pelo Estado. E isso inclui reconhecê-los em seus direitos coletivos, consagrados em tratados internacionais ratificados por nosso próprio governante. Meu chamado é para assumirmos que nossos povos têm direitos. Somente em um sistema de colonialismo interno se assume que nós teríamos que desaparecer e que não existimos. Esta Constituição tem que respeitar os convênios internacionais firmados pelo Chile.

Qual seu sentimento depois de tantos meses de trabalho intenso na redação da Carta Magna?

Fizemos um trabalho com muita responsabilidade e com muitos princípios democráticos. Das lições que aprendi, vejo que é possível dialogar, em uma democracia, com os povos do Chile e com as pessoas de regiões que não conhecíamos. Foi possível instalar um diálogo fecundo, fraterno, de reconhecimento do outro. Foi a experiência intercultural mais linda que vivi com as pessoas que aceitaram o diálogo. Por outro lado, há pessoas que não dialogaram. Isso diz respeito a conservadores da direita, que insultaram o processo, porque defendem seus interesses e privilégios. Eles não estão dispostos a reconhecer os direitos dos povos. (RC)

A plurinacionalidade e o direito ao aborto parecem os mais polêmicos. A sociedade chilena está pronta a debatê-los?

A sociedade chilena, democrática e compreensiva, vai se engajar no debate sobre os nossos direitos. As normas foram aprovadas por dois terços dos convençionais. Posteriormente, houve manipulação em relação ao aborto. A nossa proposta de Constituição garantiria o direito de as mulheres decidirem sobre seus corpos. O desrespeito a esse direito estaria sujeito à lei. Este é um debate que precisa ser feito e estar articulado com os direitos das mulheres. Nós, mulheres, podemos decidir sobre nossos corpos, assim como fazem os homens. Este é um

Noiva do agressor de Cristina está presa

O jornal argentino **Clarín** informou, no fim da noite de ontem, que a noiva de Fernando Sabag Montiel, o homem que tentou matar a vice-presidente Cristina Fernández de Kirchner, está sob custódia da Polícia Federal. Brenda Uriarte foi presa na estação ferroviária do bairro de Palermo, em Buenos Aires. Apesar de a mulher ter dito que não via Montiel até a antevéspera do atentado, câmeras de segurança mostraram o casal viajando em um trem. No dia do ataque, ambos se encontraram.

Na noite de quinta-feira, Montiel, 35 anos, nascido no Brasil, de pai chileno e mãe argentina, foi detido por apontar uma pistola contra a cabeça de Cristina, quando ela cumprimentava seus simpatizantes na rua. Apesar de ele ter apertado o gatilho duas vezes, a pistola, municiada com cinco balas, não disparou. A juíza María Eugenia Capuchetti ordenou a prisão de Brenda,

conhecida como “Âmbar”, e impôs segredo de Justiça ao processo.

Segundo Gregorio Dalbón, advogado de Cristina Kirchner, Montiel não agiu sozinho na tentativa de magnicídio. “A denúncia está pronta para assinatura da vice-presidente”, disse Dalbón, segundo a agência de notícias oficial Telam, ao afirmar que a própria Cristina é a demandante.

“Na minha opinião, haverá mais réus”, porque entendo que (o agressor) não agiu sozinho”, declarou o advogado. A polícia tenta descobrir o motivo pelo qual o celular de Montiel foi resetado para o padrão de fábrica. Quando os investigadores tentaram desbloquear o aparelho, foram surpreendidos pela legenda “Reset de fábrica” — o que impossibilitaria recuperar dados.

A Argentina volta as atenções, hoje, para a retomada do



Na minha opinião, haverá mais réus, entendo que Montiel não agiu sozinho”

Gregorio Dalbón,
advogado de Cristina Kirchner

juízo da vice-presidente, acusada de corrupção. As defesas de Cristina e de 12 outros réus começaram a apresentar suas alegações, em um ambiente de acirramento e de comoção política. Ontem, o senador governista José Mayans causou polêmica: “Queremos paz social? Bom, comecemos com a interrupção desse julgamento vergonhoso”, pediu.

Papa Francisco beatifica João Paulo I

Vincenzo Pinto/AFP



O papa Francisco beatificou, na manhã de ontem, João Paulo I — conhecido como “o papa do sorriso”, que em 1978 ocupou o trono de Pedro por apenas 33 dias, um dos pontificados mais curtos da história. Antes da cerimônia, realizada na Praça de São Pedro, no Vaticano, chamou a atenção o problema de saúde que acomete o líder católico argentino. Francisco precisou de ajuda para se levantar da cadeira de rodas (foto) e caminhou com o auxílio de uma muleta. “Com seu sorriso, o papa Luciani conseguiu transmitir a bondade do Senhor. Uma igreja de rosto alegre, sereno e sorridente é bela, que nunca fecha suas portas, que não endurece os corações, que não se queixa nem guarda ressentimentos, que não está zangado ou impaciente, que não se apresenta com dureza nem sofre de nostalgia do passado”, disse o pontífice. Também ontem, o papa concedeu uma entrevista à TVI/CNN Portugal, na qual defendeu que a Igreja Católica deve tratar os casos de agressões sexuais com “tolerância zero”. “Um sacerdote não pode continuar sendo um sacerdote se é um abusador. (...) É uma monstruosidade”, disse.